

## O SINTOMA DE APRENDER

O título deste texto veio quando me apressava a entregar à comissão científica deste congresso a resenha de um trabalho sobre o qual mal tinha começado a pensar. Como era de se esperar, a resenha ficou tão sintética que ninguém entendeu nada. Pediram-me que fizesse outra, um pouquinho mais explícita. Estava aí minha oportunidade de procurar com calma outro título (e junto com ele, outro tema) que não me levasse à zona de conflito, como este insiste em me querer levar. Acontece, porém, que minha teimosia não me permite desligar-me de uma ocorrência uma vez que ela se apossa de mim. Era, então, este ou nada.

O resultado são estas notas, fragmentárias, a respeito de uma questão de fronteiras. Estou falando dos problemas de jurisdição entre psicopedagogos e psicólogos nas escolas. Mais precisamente: o litígio, já clássico, recomeça toda vez que se tenta traçar a linha demarcatória entre o *afetivo* (ou emocional) e o *cognitivo*. O primeiro delimitaria o campo de ação do psicólogo; o segundo seria da competência do psicopedagogo. Quem tem soberania sobre o sintoma do aluno?

Pretendo fazer três esboços: um sobre as categorias (ou noções?) de "afetivo" e de "cognoscitivo"; outro, sobre a noção (ou conceito?) de "campo de uma disciplina"; e ainda um terceiro sobre o conceito de *sintoma* (particularmente, em psicanálise).

O que hoje se chama de "cognoscitivo" ("ou cognitivo") tem suas principais referências teóricas na *Teoria da aprendizagem*, construída a partir da Epistemologia Genética de Jean Piaget. Não poderia, nem quero, mergulhar naquele *corpus* teórico; estou simplesmente remetendo o termo "cognitivo" ao lugar onde tem sua maior pertinência e desenvolvimento. "Afetivo", no entanto, é um termo que faz parte de uma psicologia influenciada pela psicanálise.

Disse *uma* psicologia, e não a Psicologia, porque assim como Piaget reclamou da pedagogia que furtava seus conceitos (que tinham seus lugares precisos dentro de uma teoria muito forte, muito estruturada) para elaborar técnicas de ensino, assim, a psicologia raptou da psicanálise noções como a de "afeto", para psicologizá-las.

Seja como for, esta fronteira entre o *conhecimento* e a *emoção* não está traçada no interior de um campo de saber, mas entre dois: a pedagogia, estruturada pela *Teoria da aprendizagem*, e a psicologia afetada pela Psicanálise. Trata-se de uma verdadeira operação de passagem de um discurso para outro diferente. Por que, no entanto, fez-se necessário à pedagogia partir para a psicologia?

Acredito que foram os impasses criados *na clínica dos transtornos do*

*aprendizado* que fizeram com que fosse preciso introduzir uma psicologia dos afetos. O *afetivo* seria assim uma noção *ad-hoc*, introduzida com o intuito de resolver alguns problemas que a clínica impõe e a própria Teoria da aprendizagem, fundamento dessa clínica, não evocava com os conceitos de que dispõe. Tratar-se-ia, então, de dar conta dos fenômenos clínicos, preservando ao mesmo tempo o sistema cognoscitivo e suas leis.

A que fenômenos clínicos estou me referindo?

"Sabe tudo, me conta uma mãe de adolescente, mas na hora de fazer a prova não consegue. Está indo muito mal na escola e é um rapaz inteligente. Que acontece com ele doutor?" Quando conversei com o próprio, contou-me a sua agonia perante a folha em branco. Falar, consegue; escrever, não. Não acontece com todas as matérias, é com a matemática, principalmente. "Sempre foi assim?" Não se lembra direito. talvez no ano passado. Longa pausa. Depois, com dificuldade: Estava lembrando. Após um exame, na hora de entregar a folha escrita, quando já não tinha mais tempo... ejaculou. Não sabe o que tem a ver, mas era isso.

Face a um problema como este, a escola consulta profissionais aos quais encarrega a tarefa de fazer com que o aluno que não consegue, consiga. Se não entende, deve entender. Se esquece, deve lembrar. Se não sabe, força é que aprenda. Isto é o que a escola chama de *sintoma*. Fenômenos repetitivos que atrapalham o funcionamento normal do processo de aprender, e que, no entanto, não são explicáveis nem pela medicina (amadurecimento, doenças etc.), nem pela Teoria da aprendizagem vigente. *Sintoma* fica assim colocado negativamente em relação à função cognoscitiva, da qual ele seria a *disfunção*. Descritivamente se apresenta como uma *inibição*. Falha ou falta na função de aprendizagem que deverá ser restabelecida pelo profissional comissionado pela escola e que se transforma em responsável perante a própria escola, a família, enfim, a sociedade toda.

Talvez o apelo que a pedagogia fez à psicologia visava poder trabalhar com uma *definição positiva de sintoma*. Não sei, porém, como já disse, este conceito não toma sua especificidade a não ser do discurso da psicanálise. É portanto, este último que interrogaremos para pensá-lo. O que é sintoma em psicanálise?

Sintoma é *um saber*.

Mas, é um saber de tal natureza que quem o padece não faz idéia não só do que se trata de saber, como do fato mesmo de ser portador de um. Como aquele escravo tatuado no couro cabeludo, enquanto dormia a sua bebedeira, com uma mensagem que desconhecia duplamente: não entenderia os signos se os visse, e nem sequer sabia que carregava uma mensagem ou para quem estava dirigida.

Freud, contudo, indica mais ainda: o saber do sintoma é *sobre o desejo*. O desejo inconsciente, claro. Quando for preciso falar de um movimento intencional do sujeito, não falarei em desejo, mas em "vontade", ou mesmo em "anseio".

Esta idéia de um saber inconsciente aparece muito cedo na obra de Freud. Já em 1885 falava que as histéricas sofriam de reminiscências. Elas levariam escrito nos seus corpos uma história. História ainda por ser contada. O sintoma era assim uma forma de memória.

Na linguagem de Freud tratar-se-ia de *grupos de representações* não integradas pelo sujeito, porém, não apagadas, já que continuariam ativas e eficazes nos sintomas. São estes grupos de representações -que ora em diante chamarei *significantes* - que constituem o *saber inconsciente*.

O *afeto*, embora possa ser referido àqueles significantes recalçados, nunca é alcançado pela operação de recalque. Isto é, não existe o tal do "afeto inconsciente". Só os significantes podem ser inconscientes. As emoções, da sua parte, continuam perfeitamente conscientes.

Só que o sujeito, para tomar o exemplo que dei, não sabe a troco de quê se sente angustiado. O significante que lhe diria respeito não se encontra disponível para ele. Está recalçado.

Trata-se então de um erro teórico falar em "afeto" para se referir ao sintoma. O que produz a sua extinção, o seu desaparecimento (caso ocorra) não é um desabafo qualquer, nem alguma expressão emocional, mas uma operação que devolve ao sujeito o sentido do seu sintoma. Acaba reconhecendo onde esqueceu o desejo. Desejo que não o esqueceu, permanecendo articulado o tempo todo alí, enquanto ele mesmo nada queria saber a seu respeito. Em última instância, *na interpretação analítica tratar-se-ia de uma questão cognitiva, não afetiva*. O que está em jogo para o sujeito é começar a sacar o que seu sintoma sabe.

E por falar em desejo, talvez um certo rodeio se revele pertinente. A Ética clássica, Aristóteles por exemplo, recomendava a luta contra as paixões como o caminho para atingir o Bem. Curvar as ditas paixões pela força da Razão era, segundo ele, a essência da liberdade humana. E isto, por meio da pedagogia.

Seguindo esta idéia, fizeram dizer a Freud que ele seria pela educação do desejo para submetê-lo à ordem da razão, à ordem social. Sua filha Anna, por exemplo, aproxima o tratamento analítico a uma pedagogia, razão pela qual me pergunto se Anna Freud era freudiana, enquanto o próprio Freud aproximava a pedagogia ao recalque.

*Recalque* não é um adjetivo para conotar pejorativamente a educação,

apresso-me em esclarecer, mas um mecanismo para lidar com os insuportáveis significantes do desejo inconsciente. Para o pai da Anna, a educação e o reconhecimento do desejo não eram exatamente solidários. Este último era dificilmente educável.

O que não quer dizer, de modo algum, que ele tenha sido o "campeão das pulsões" como André Breton entendeu na época dourada do surrealismo (o que lhe valeu, por sinal, uma irritada carta do mestre, na qual lhe dizia que nem ele, nem o resto dos surrealistas, o tinham compreendido em absoluto, já que, de jeito nenhum, ele era partidário da submissão ao desejo senão, ao contrário, de saber em que direção nos carrega para poder manejá-lo melhor). Sucede, simplesmente, que enxergava com muito ceticismo, o caminho do desconhecimento, do esmagamento que a norma social impõe ao desejo. A cultura pretende resolver o problema das paixões ignorando suas motivações inconscientes, isto é, apelando ao bom senso do cidadão. O que lev a a um beco sem saída, pois, de que vale o bom senso comum se o sujeito não tem os elementos para reconhecer a natureza daquelas suas paixões?

Parece-me, no entanto, *que opor o afetivo ao cognitivo* é continuar a não querer saber nada da relação que há entre o desejo, dito inconsciente, e a educação. Assim, o cognoscitivo seria próprio da educação enquanto que o afetivo, o desejo, nada teria a ver com isso (a não ser como obstáculo, como corpo estranho).

Contudo, quando nosso angustiado da folha em branco se vê impossibilitado de escrever, fracassando assim no seu exame, isto lhe acontece porque o professor exige dele. . . seu produto. Foi preciso atravessar, em análise, a sua submissão a um desejo imaginado num Outro insaciável, que queria dele tudo e nada, para ele conseguir voltar a ser um bom aluno. Ser aluno era equivalente a renunciar à sua condição de desejante para se adequar ao que, supostamente, se esperava dele. Isso, sem limite. Até o belo dia em que, na hora de entregar sua oferenda sacrificial, no ponto culminante da angústia, se desvanece, se apaga, para reaparecer logo, nas suas calças, como esperma da primeira ejaculação. "Que porra querem de mim!?" Deve aqui ser ouvido, ao pé da letra. O sintoma: "impossibilidade de escrever" era um último recurso, desesperado, de preservar-se como sujeito, de ser engolido. Já que ele mesmo era o prato entregue à voracidade do Outro, junto com a folha de exame.

Não cabe aqui, portanto, oposição nenhuma entre *desejo e educação*.

O aprendizado neste jovem estava marcado pela submissão de todo desejo próprio a uma escola identificada com aquele Outro do qual acabo de falar.

Fazer com que retome o aprendizado sem lhe permitir a interrogação desta submissão é favorecer e fixar seu sintoma. Seria, em última instância, como transformá-lo num autômato mais ou menos adaptado ao meio social.

O problema, porém, não é fácil. Parece existir uma verdadeira incompatibilidade entre a expressão do desejo e a tranquilidade da Civilização. A Cultura aparenta querer cortar todos os seus súditos com a mesma tesoura, o que não dá muito bem com qualquer produção desejante que exprimiria a máxima singularidade. Não podemos esquecer, aliás, que a Escola se quer a principal produtora de Civilização. Freud, no entanto, fala do MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO. Discute uma descoberta essencial (talvez a mais importante) da psicanálise: o cidadão vive atormentado pela *culpa*, embora nada tenha feito de errado.

Ora, isto não é muito original, a religião sabe disso há séculos. Não à toa se nos diz que somos todos pecadores de um pecado original. Temos um encargo que a vida inteira não basta para pagar.

A diferença fica sujeito que se sente tão mais culpado quanto mais virtuosa é a vida que leva. Que quanto mais transige e abandona seu desejo, tanto mais o atormenta a culpa. E isso porque, para se sentir culpado, basta o desejo. E parar de desejar não é possível. Donde: *recalque*. Solução para nada saber do desejo que lhe diz respeito.

Solução, porém, desesperada, porque quanto mais recalca, mais culpado se sente, aumentando o recalque...

Enfim, não será hoje que resolveremos esse impasse. Contudo, parece-me importante que uma prática como a psicopedagógica, que mergulha no coração deste paradoxo, não rejeite o núcleo do problema para fora de seu campo. Isto é, não insista mais em opor o desejo ao saber, reconhecendo dentro da sua práxis que *todo aprendizado* será, em última instância, *um sintoma*. Porque compromete o saber sobre o desejo. Porque quem aprende (ou não) se defronta com o saber de seu inconsciente, seja o que for que lhe esteja sendo ensinado. E porque *querer saber é sempre querer saber outra coisa* (basta ouvir os "por quê" sem fim de qualquer criança acima de três anos). Razão, esta última, das melhores para continuarmos a querer saber.

CONFERÊNCIA no I Encontro de Psicopedagogos. da  
Associação Estadual de Psicopedagogos, São Paulo.  
1984